



Sob a Radiosa, o Exodus! – montagem dos autores. Por debaixo da *Cidade Radiosa* (1930), de Le Corbusier, emerge a distopia de *Exodus, ou Os Prisioneiros Voluntários da Arquitetura* (1972), de Rem Koolhaas, Madelon Vriesendorp, Elia Zenghelis e Zoe Zenghelis.

remissivos

/// heterotopias
/// utopias urbanas
/// pós-modernismo

Distopia Urbana

estudantes

Lucas Bandeira L. Nascimento
Vitor Ayub

glossário de ideias recebidas

Glossários são listas de palavras com explicações chamadas *glosas*, desenvolvidos desde a Antiguidade Clássica e tornados populares a partir da Idade Média, empregados por estudiosos no trabalho de interpretação de textos, apoiando a explicação do sentido de palavras obscuras. Com o tempo os glossários tornaram-se autônomos, com diferentes formas de organização, servindo de apoio à explicação de termos específicos a determinado campo de conhecimento. § Como parte das atividades da disciplina Arquitetura e Urbanismo da Atualidade, solicitou-se aos estudantes a criação de um Glossário como forma de intervenção crítica sobre a produção contemporânea, dada a grande variedade de seus conceitos e a velocidade com a qual eles são apropriados, criticados, esquecidos e supostamente redescobertos. § Busca-se produzir um inventário das ideias em trânsito na produção atual, aproximando-se ainda do conhecido “Dicionário das Ideias Feitas” (*Dictionnaire des Idées Reçues*) de Gustave Flaubert, em que o escritor reuniu e comentou, com perspicácia e muito sarcasmo, um conjunto de jargões, lugares-comuns e ideias socialmente aceitas em seu tempo. § Entende-se que o reconhecimento dos clichês da produção atual pode servir não apenas para estabelecer um juízo crítico como também para promover sua desestabilização e apontar caminhos para novas práticas e alternativas.

atualidades-fauunb.org/glossario

O surgimento da **distopia urbana** durante a segunda metade do século XIX coincidiu com – e respondeu a – uma explosão de escritos utópicos, tanto ficcionais quanto não-ficcionais, centrados na cidade como um local de perfectibilidade humana. [...] Embora essas distopias inicialmente fossem minoria, tornaram-se, gradualmente, a tradição dominante nas décadas que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, a tal ponto que, hoje, as visões sombrias e agourentas das cidades do futuro superam em muito qualquer alternativa mais otimista.

Distopia Urbana

A literatura utópica deriva da obra de Thomas More que, para criticar a Inglaterra do século XVI, imaginou uma sociedade que negasse ponto por ponto as mazelas de seu tempo. A crítica de More, ao longo dos séculos, assumiu significados tanto positivos quanto negativos. Por um lado, favoreceu a possibilidade de pensar de forma esperançosa o futuro e, por outro, fomentou pensamentos totalitários, submetendo a vontade de muitos à concepção de poucos ou mesmo de apenas um indivíduo. Visões idealizadas de sociedades futuras deram origem, em contraponto, à eclosão de distopias que são outra forma de crítica, formuladas por uma visão de futuro em que os problemas do presente são agravados. As distopias não são apenas críticas às utopias tradicionais, numa perspectiva filosófica ou moral. No campo da Arquitetura e Urbanismo, em especial, elas se prestaram a fazer uma revisão crítica das aspirações utópicas da Modernidade (GADANHO, 2017).

Uma versão comumente aceita sobre o surgimento do termo “distopia” é atribuída ao filósofo político John Stuart Mill, por conta de um discurso proferido por na Câmara dos Comuns, em 1868. Na ocasião, Mill questionou a política britânica com relação à posse de terra na Irlanda e, utilizando-se da ironia, manifesta sua insatisfação com relação às intenções de outro representante do governo. Ao acrescentar o prefixo “dis-”, que no Grego Antigo remete às palavras “mau” e “anormal”, Mill nomeou aquelas idealizações que seriam excessivamente indesejáveis para serem praticadas, anunciando o papel que as narrativas distópicas teriam mais adiante, como uma crítica à sociedade atual e aos problemas nela enfrentados.

[...] O nobre Lorde acha realmente possível que o povo da Inglaterra se submeta a isso? Permitam-me, como alguém que, tal como muitos dos meus superiores, foram acusados de ser Utópico, parabenizar o Governo por ter aderido àquela agradável companhia. Talvez seja muito lisonjeiro chamá-los de Utópicos; eles deveriam, antes, ser chamados de dis-tópicos ou cacotópicos. O que é comumente chamado de utópico é algo bom demais para ser praticável; mas o que se nos apresentam é ruim demais para ser praticável. [...]. (MILL, 1988, p. 248, tradução nossa)

A construção de narrativas ambientadas no futuro, compostas pelo declínio cataclísmico da sociedade e por formas de convivência particularmente autoritárias e perversas, popularizou-se na produção literária desde a primeira metade do século XX (FROMM, 2009); o Cinema, por sua vez, não tardou a seguir os mesmos passos da Literatura e a explorar, através de diferentes formas de representação, os cenários ameaçadores das idealizações deformadas. Em ambos os suportes, a representação de sociedades distópicas foi peça-chave para obras de grande importância, como o romance *1984* (1949), de George Orwell, e o filme *Metrópolis* (1927), de Fritz Lang, que marcaram suas respectivas esferas e são celebradas e revisitadas ainda hoje.

Em Arquitetura e Urbanismo, o desenvolvimento dessas imaginações toma impulso apenas na segunda metade do século passado, como parte do contexto pós-Segunda Guerra, diante da crise das ideias puristas do Modernismo. Trata-se, aqui, de uma situação marcada pela desesperança, que inspirou expressões questionadoras da imagem da máquina e da racionalidade. No interior do próprio Movimento Moderno, a postura de jovens arquitetos solapava as crenças otimistas que inauguraram o século XX, entre os quais encontravam-se o grupo do Team X. No campo da crítica e da historiografia, um dos gestos mais significativos veio a partir do livro *Projecto e Utopia*, publicado por Manfredo Tafuri no começo dos anos 1970 (TAFURI, 1985), em que o autor dissecou, rigorosamente, projetos e ambições das vanguardas, expondo a instrumentalidade dessas ideologias em se adequarem à sociedade industrial.

Em meio às agitações políticas da época e à mudança de paradigmas, expressões arquitetônicas do período pós-moderno seguem como instrumento desta produção, agora com uma tendência maior às distopias. O projeto *Exodus* (1972) é um exemplo paradigmático, pois apesar de ser concebido, aparentemente, como uma utopia, carrega claros aspectos distópicos (CAÚLA, 2019). As distopias urbanas impõem aos seus agentes reconhecer suas ferramentas como maneiras de remeter não apenas ao passado e ao futuro, mas também ao presente. Assim parece ser a avaliação do crítico Fredric Jameson com relação a outro projeto de Koolhaas, o texto *Espaço-lixo*, publicado em 2001. Para o autor, vários aspectos da ficção científica estão ali presentes, condição em que, “[...] na ausência de um futuro, concentra seu foco numa única tendência fatalista, que se expande sem parar até que a própria tendência se torna apocalíptica e explode o mundo em que estamos presos [...]” (JAMESON, 2013, p. 201).

referências

- CAÚLA, Adriana. **Trilogia das utopias urbanas**. Salvador: EDUFBA, 2019. [[↗](#)]
- FROMM, Erich. Posfácio [1961]. In: ORWELL, George. **1984**. [ed. digital]. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 253-262.
- GADANHO, Pedro. Utopia/Distopia: breve história de uma dualidade incômoda. In: GADANHO, Pedro; LAIA, João; VENTURA, Susana (ed.). **Utopia/Dystopia: a paradigm shift in art and architecture**. Milão: Mousse Publishing, 2017. p. 197-204.
- JAMESON, Fredric. A cidade futura. In: SYKES, Krista A. (org.). **O campo ampliado da arquitetura**: antologia teórica, 1993-2009. Tradução: Denise Bottmann, colab. Roberto Grey. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 189-204.
- LATHAM, Rob; HICKS, Jeff. Urban dystopias. In: McNAMARA, Kevin R. (ed.). **The Cambridge companion to the city in literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 163-174. [[↗](#)]
- MEIRELES, Alexander. Distopia. In: REIS, Carlos et. al. (ed.). **Dicionário digital do insólito ficcional**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 17 jan. 2019. [[↗](#)]
- MILL, John Stuart. The State of Ireland. 12 MARCH, 1868. In: MILL, John Stuart. **Public and parliamentary speeches: November 1850 – November 1868**. Toronto: University of Toronto Press; Londres: Routledge, 1988. p. 247-261. [[↗](#)]
- TAFURI, Manfredo. **Projecto e utopia**: arquitetura e desenvolvimento do capitalismo. Tradução: Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Lisboa: Presença, 1985.